



Estratégia de articulação da cena do Rock em São Luís¹

Gersony Santos RAMOS²

Franklin Douglas FERREIRA³

Universidade Federal do Maranhão, São Luís, MA

Resumo

Este artigo, resultado de um trabalho de conclusão de curso, se propôs a investigar como ocorrem as tentativas de articulação de uma cena do rock através da banda Jack Devil, na cidade de São Luís, por meio da internet, mais precisamente pela rede social Facebook, observando como a comunicação age de forma dirigida nesse processo. O surgimento de novos dispositivos tecnológicos e o aparecimento da internet como o principal veículo de compartilhamento de informações nos dias atuais aproximou bandas de rock e públicos distantes. Desta maneira, o contato entre público e a cultura do rock proporcionou experiências originadas a partir de um processo de representação social.

Palavras-Chave: Estratégias de Comunicação; Banda Jack Devil; Identidade; Música.

Introdução

O rock é um gênero musical nascido nos Estados Unidos durante o período pós-guerra. Segundo Chacon (1982), o rock tem a origem voltada para as tradições negras do *blues*, na música *country* do camponês americano e na herança branca da *pop music*, e se estabeleceu como um fenômeno catalisador das diferenças sociais presentes no contexto americano do início dos anos de 1950.

Com o processo de mudança conhecido como globalização, as relações entre cultura e sociedade tornaram-se complexas à medida que a cultura local passou a ser afetada pela cultura do mundo, ou seja, as sociedades foram interpeladas por várias culturas, que tinham a mídia como veículo de disseminação cultural.

Logo, as relações sociais passaram a ser influenciadas pelas diversas culturas que as cercam. De acordo com Canclini (2010), a absorção de determinadas características culturais provocou mudanças significativas nos indivíduos, refletidas na sua identidade e na identidade cultural das sociedades, tendo como fator contribuinte

¹ Trabalho apresentado no JT 06 – Interfaces Comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 2 a 4 de julho de 2015.

² Recém-graduado pela Universidade Federal do Maranhão, email: gersony_ramos@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Comunicação Social na Universidade Federal do Maranhão, email: franklindouglas@elo.com.br



para esse o processo a apropriação de bens e produtos culturais, caracterizadas como consumo.

Ainda segundo Canclini (2010), é necessário ater-se que o mundo contemporâneo é marcado por diversas rupturas nos vários segmentos sociais e que o consumo exerce o papel fundamental na relação de apropriação de bens e produtos culturais e sociedade, a cultura do rock foi, ao longo do tempo, apropriada por cidades que não possuíam vínculo direto com tal cultura, como forma de resistência a um sistema de valores dos quais seus participantes discordavam.

A internet exerce um papel fundamental neste processo, no sentido de produzir, compartilhar e consumir informação e cultura. Desse modo, as relações entre música, artistas, bandas e públicos tem um novo mediador que auxilia na disseminação da cultura do rock – bem como de outras formas de cultura possíveis.

Tendo em vista essa lógica, este artigo se propôs a investigar quais são as estratégias de comunicação usadas por bandas de rock de São Luís na internet, por meio do Facebook, com o objetivo de observar as tentativas de articulação de uma cena rock na cidade.

Aspectos da História do Rock

O século XX se notabilizou como o século dos grandes avanços da civilização. O progresso nas ciências e na tecnologia proporcionou ao mundo novas formas de ordenamento e de interação nas relações sociais, tornando o convívio em sociedade uma complexa rede de posicionamentos mediados pela cultura, pela economia e pela política.

O *American way of style*⁴ (o sonho de vida americano) foi a principal marca da hegemonia adquirida pela vitoriosa participação dos Estados Unidos na guerra. O cinema, os artistas e as músicas (cantores da *pop music*, como Frank Sinatra), bem como a própria situação econômica do país simbolizava esse modo de vida almejado pelo ocidente. Contudo, fora das pautas das mídias e veículos de comunicação norte americanos, o país vivia uma dura crise em sua estrutura social. A segregação racial, a

⁴ É uma expressão usada no início da Guerra Fria para simbolizar um estilo de vida que, dentre outras coisas, pregava a liberdade e a busca pela felicidade a partir do esforço e habilidades desenvolvidas no trabalho, que se refletia na qualidade de vida da população norte-americana. Alguns acreditam que essa expressão fora uma forma da mídia norte-americana mostrar a superioridade da nação estadunidense frente ao estilo de vida da União Soviética (PEDRO, 1997, p. 333).



violência racial e a exclusão do negro na participação da produção cultural dominavam os estados como o Texas e cidades como Mississippi, Alabama, entre outras.

Com o êxodo rural, homens negros saíam de diversos lugares para as cidades; desempregados carregavam violões e gaitas e circulavam pelos centros urbanos à procura de lugares para tocar, para, assim, garantir seu sustento. Logo, a consequência dessa migração foi a popularização das canções de *blues*, bem como de seus artistas e intérpretes que, tocando primeiramente em bares de beiras de estrada, pavilhões e casa de shows, e posteriormente em teatros, garantiu um significativo sucesso comercial mesmo entre o público juvenil branco, já na década de 1940 (FRIEDLANDER, 2012).

Para alguns autores e historiadores que tiveram o rock como objeto de estudo, a origem musical deste é composta pelos três campos musicais citados acima que, por suas origens e simbolismos específicos, construíram significados aos seus respectivos públicos, por tanto distintos entre si, mas que unidos seriam capazes de balançar a estruturas da sociedade da época. Segundo Paulo Chacon:

Carl Belz em *The story (argh history) of rock* identifica 3 campos musicais que, apesar de possuírem alguma fluidez, entre si eram suficientemente distintos para determinar um público e estilos diversos: *A pop music*, o *rhythm and blues* e a *country and western music*. Segundo ele, o papel do rock foi aumentar essa fluidez, recolhendo elementos dos três campos e determinando um estilo próprio (CHACON, 1982, p.22).

Friedlander (2012) afirma que a mudança de status do jovem americano proporcionou aos empresários da época enxergar novas oportunidades de negócio para preencher o filão mercadológico que o público juvenil se tornara. Dessa forma, a criação e promoção de itens como roupas, cosméticos, *fast foods*, carros – e música (FRIEDLANDER, 2012, p. 38) - foram as principais ações para seduzir o novo consumidor do país.

E como a música é uma forma de arte sensível – que nos atinge pelo ouvir – e passível de produção, circulação e consumo em massa (quando inserida na lógica da indústria cultural de produção de música para o amplo consumo), não demorou muito para o rock fazer parte do gosto desse público, passando a influenciá-los tanto nas questões econômicas (caso do consumo) quanto nas questões políticas e sociais da época.

Desse modo, “[...] as questões políticas e a arte, em especial o rock, estão quase sempre ligados a um questionamento da superestrutura do sistema, ou seja, nos níveis



do político, do cultural e do comportamento do sistema, trazem obviamente, reflexos sobre a infraestrutura” (CHACON, 1982, p. 48).

A década de 60 foi a que diversas manifestações artísticas e sociais ganharam voz, e tiveram no rock a principal força para a divulgação. A respeito desta década, Lucena (2001) sintetiza bem o que nela ocorrera:

Os anos 60 foram, portanto, o caldeirão onde se “cozinham” as manifestações artísticas que deixaram marcas e reflexos até hoje – o teatro, o cinema, a televisão, as artes plásticas, a moda, em todas as áreas houve uma ebulição em busca de novas saídas. E o rock foi a linha que costurou todas essas manifestações, a grande manifestação da década (LUCENA, 2001, p. 7).

Partindo disto, o rock foi caracterizado como um movimento de contracultura⁵. Comunidades foram surgindo em nome dessa filosofia, que tinham na repulsa do modo político econômico vigente o desejo de mudança e no rock o principal incentivador.

Segundo Friedlander (2012):

A evolução da música pop/rock no final dos anos 69 e 70 aconteceu em um período no qual a indústria musical se expandia rapidamente em tamanho e poder. A vendagem de discos, que alcançara pela primeira vez a marca de um bilhão em 1967, alcançara dois bilhões em 1973 e quatro bilhões em 1978. A renda das vendas de discos e fitas ultrapassou outros tipos de ganhos da indústria do entretenimento, incluindo esporte e cinema (FRIEDLANDER, 2012, p.328).

Os anos 80 têm como principal característica musical a influência direta da TV no consumo de música e dos produtos vinculados a ela e nos grandes eventos, como o Rock in Rio e Vacken. O nascimento da MTV, em 1º de agosto de 1981, trouxe visibilidades para artistas da *new wave* e o aumento no consumo de disco (que mais tarde seriam substituídos pela mídia CD) e fitas cassetes de bandas de rock.

O rock nos anos 90 foi marcado pelo surgimento do *grunge*, gênero musical que muito se assemelhava ao *punk* rock, e que tem como principais representantes as bandas Nirvana e Pearl Jam. E também foi marcado pela enxurrada do *indie* rock (bandas independentes cujo processo de produção não se vinculava, inicialmente, a nenhuma grande gravadora de discos). Destacam-se bandas como Red Hot Chili Peppers e Green Day.

Essa década é marcada também pelo fácil acesso da população às tecnologias de gravação, o que potencializou a produção caseira e o surgimento de bandas de rock em

⁵ A contracultura pode ser entendida como um fenômeno histórico concreto e particular com origem localizada na década de 1960 e que tem por característica a postura, ou até posição, em face da cultural convencional, de crítica radical.



vários lugares do mundo, longe do *mainstream* musical. “A internet começa a ser utilizada como um meio de comunicação e divulgação para as bandas de rock independentes” (JACQUES, 2007, p.38).

No Brasil, por exemplo, bandas como Charlie Brown Júnior, Los Hermanos e Pitty surgiram no cenário musical nacional a partir das cenas independentes, que “a partir do final da década de 1990 se articulam através da realização de festivais de rock, como o Goiânia Noise Festival, e da troca de informações na internet” (JACQUES, 2007, p. 38).

Esse modelo de articulação das bandas independentes de rock, principalmente no Brasil, é uma tentativa de representar as práticas gerais da cultura do rock, bem como uma possibilidade encontrada por bandas independentes, em cenários musicais distintos, de visibilizar suas propostas musicais e, na maioria dos casos, se inserir num circuito nacional da música.

Por isso, definir o *rock and roll* é pensá-lo a partir da sua história, pois suas mudanças e variações ao longo do tempo proporcionaram singularidades que o legitimaram, também, como um movimento social capaz de sensibilizar o público que representa. Deste modo:

O rock é muito mais que um tipo de música: ele se tornou uma maneira de ser, uma óptica da realidade, uma forma de comportamento. O rock é e se define pelo seu público. Que, por não ser uniforme, por variar individual e coletivamente, exige do rock a mesma polimorfia, para que se adapte no tempo e no espaço em função do seu processo de fusão ou choque com a cultura local e com as mudanças que os anos provocaram de geração em geração. Mais polimorfo ainda porque seu mercado jovem é dominado pelo sentimento de busca, que dificulta o alcance ao ponto de definição (CHACON, 1982, p. 18 e 19).

A Influência da Música na Construção da Identidade

Desde os tempos antigos, a música é vista como uma forma de representar a cultura dos povos, pois tinha a capacidade de narrar os rituais, tradições e costumes das sociedades. Essa capacidade narrativa conferiu à música a habilidade de relacionar a cultura com a aptidão humana de trabalhar com sons.

A música está presente em várias situações das nossas vidas. Em casa, sozinho ou com os amigos em festas, shows, teatro, cinema ou até mesmo indo para o trabalho, a música nos envolve de tal maneira que em alguns casos passamos a agir de acordo com o que propõe as letras e melodias das canções de nosso gosto.



A música pode ser definida como “uma forma artística que consiste na combinação de sons e silêncios que se propagam no tempo” (PEREIRA, 2011, p. 119).

A música hoje, para muitas pessoas, passou a exercer um papel importante em seu cotidiano. Dentre outras coisas, ela ajuda nos processos de interação do *eu* com o *outro*, e constrói nossa capacidade comunicativa e integrativa, nos dando sentido de pertencimento a determinados grupos sociais.

Desse modo, a música apresenta características comunicativas e de integração da sociedade – além da característica de entretenimento -, as quais tem o objetivo de representar uma realidade e fazer com que o sujeito se integre a um grupo o qual ele possa mostrar ao mundo não só o que se quer ser, mas também o que se é.

Essa maneira de mostrar ao mundo a qual “tribo” se pertence implica em questões que remetem às especificidades das músicas que ouvimos. É relevante destacar que as músicas ouvidas nos dias de hoje estão fortemente ligadas às mudanças estruturais ocorridas no século XX e ao surgimento de aparatos tecnológicos como aparelhos de reprodução e gravação musical⁶ que, sobretudo, caracterizaram a música como produto midiático produzido para diversos segmentos de público.

Desse modo, a música se apresenta como um elemento constitutivo das identidades coletivas que, por sua vez, influenciam na construção das identidades individuais, pois ela oferece elementos para além das especificidades técnicas - sons, altura, harmonia e melodia. A vestimenta, cortes de cabelo, atitudes (comportamento), gírias e outros símbolos fazem parte dessa constituição identitária.

No entanto, falar sobre como a música auxilia na construção das identidades coletivas e individuais não é tarefa fácil, visto porque as questões que envolvem a identidade no mundo contemporâneo são complexas e estão engendradas em um processo amplo de mudança.

A respeito da identidade, Stuart Hall (2006) aponta que a mudança pela qual o mundo tem passando está interferindo na noção a qual se tinha da identidade como algo fixo, estável e que nos fornecia a referência exata de sujeitos do mundo social.

Nessa concepção, a identidade era marcada pela solidez alicerçada por essas instituições, que por sua vez impossibilitavam qualquer tentativa de constituição

⁶ Segundo Janotti (2006) o aumento do consumo de música por uma parcela da população que não possuía conhecimento da notação musical estaria diretamente ligado ao aparecimento dos primeiros aparelhos de reprodução sonora: o gramofone, o fonógrafo, o rádio e toca-discos.



identitária individual que se situasse fora dos padrões estabelecidos pelos contextos socioculturais os quais o sujeito vivia.

Logo, Hall (2006) justifica o seu argumento ao afirmar que, no mundo pós-moderno, as instituições tradicionais que ancoravam os indivíduos às estruturas socioculturais preestabelecidas estão em declínio e em detrimento disto, surgem novas formas de organização social.

Hall (2006), afirma que:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que no passado, nos tinha fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta “perda de si” estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentralização do sujeito (HALL, 2006, p.9).

Logo, a influência da música na construção das identidades pode ser justificada pelas questões de hibridização cultural⁷ e consumo, alicerçados no processo de globalização que interconecta diferentes pessoas e culturas, possibilitando o contato e a apropriação de bens e objetos culturais situados numa cultura global.

Deste modo, a música possui o poder de articular pessoas a partir dos sentidos produzidos pelas cenas, cujo objetivo

[...] aponta para flexibilidade e fluidez das práticas musicais contemporâneas, ressaltando os vetores de fluxo, movimento e mutabilidade das identidades pós-modernas, sem, no entanto, abrir mão de uma unidade cultural flexível que possa circunscrevê-las (SÁ, 2011, p. 152).

Pode-se dizer que os indivíduos, ao se relacionarem com as músicas a partir do consumo – local de representação social, em que o uso de determinadas roupas e outros hábitos e símbolos que demarcam os gêneros musicais – constroem suas identidades, mostrando na relação com o outro aquilo que eles são e o que é significativo para eles.

Essa breve explanação sobre a relação entre música e identidade nos ajuda a justificar as pretensões do tópico seguinte, que objetiva, entre outras coisas, verificar a relação entre a cidade de São Luís e os símbolos identitários do gênero rock na constituição de uma cena local marcada por elementos provenientes de outros lugares do Brasil e do mundo.

⁷ Para Canclini (2003), hibridização cultural é um processo sociocultural onde práticas sociais distintas se juntam, gerando novas estruturas, objetos e práticas.

A articulação da cena do rock em São Luís

Para exemplo de utilização da comunicação dirigida⁸ na esfera civil, retomamos a década de 1960. Nesta época em que o *rock* era considerado um movimento de contracultura surgiram experiências de circulação *underground*⁹ que proporcionaram a utilização de fanzines, revistas, folhetos, folders e outras ferramentas de comunicação dirigida para disseminar a cultura do *rock* em um contexto no qual a censura reprimia a liberdade artística e comportamental.

Desse modo, o rock já se articulava a partir da comunicação e dos usos de ferramentas da comunicação dirigida, com objetivo de resistir a uma cultura dominante e a persistir enquanto um movimento subcultural dotado de sentidos ideológicos, comportamentais e estéticos.

Assim, o rock traz para as cenas musicais atuais experiências de articulação realizadas em torno da comunicação utilizada de forma dirigida pelas bandas para interagir com o público e configurar uma cena local. Este é um aspecto que justifica esta pesquisa.

No entanto, com o intuito de contextualizar a pesquisa subsequente, alguns dados sobre a cidade de São Luís foram levantados. Segundo dados do IBGE¹⁰, a cidade São Luís, capital do Estado do Maranhão, possui aproximadamente 1.014.837 habitantes, e corresponde a uma área de 834, 785 km². Fundada por franceses em 08 de setembro de 1612, dominada pelos holandeses (ainda no século XII) e reintegrada como colônia de Portugal, ao longo de sua formação, vários povos de várias culturas ajudaram na constituição do povo e da cultura local.

Infere-se que uma parcela significativa da população local interage diretamente com os bens e produtos culturais do rock, internalizando seus sentidos e construindo suas identidades a partir de apropriações legitimadas pelo consumo. E com as constantes revoluções das tecnologias da informação e comunicação, essas apropriações ganharam um grande aliado: a internet, com suas redes e mídias sociais.

⁸ A comunicação dirigida, partindo da área de Relações Públicas, é a comunicação que promove a abertura e a manutenção de fluxos informacionais e relacionais entre públicos e organização, de acordo com as especificidades de cada segmento. Atua diferentemente da comunicação massiva, a qual utiliza os meios de comunicação massivos para atingir um grande número de pessoas.

⁹ Era *underground* toda manifestação artística ou produção que não circulasse pelas vias normais de comercialização, que sobrevivesse com recursos próprios alocados fora dos sistemas tradicionais (LUCENA, 2001).

¹⁰ Dados levantados durante o Censo de 2010.



Os motivos que levaram à escolha da temática do rock, para problematizá-la à luz das questões que envolvem a construção das identidades no mundo atual, passam pelo gosto pessoal do autor e pela inquietação em compreender de quais maneiras este gênero musical se inseriu na cidade de São Luís e passou a influenciar de forma direta na vida de alguns sujeitos da cidade.

As representações realizadas nesses ambientes ocorrem a partir de festivais musicais de rock, promovidos de forma independente por bandas, donos de bares e pequenos selos de produtoras de eventos. Deste modo, como forma de analisar de que modo o referido gênero se insere no contexto social de São Luís e de que forma ele se articula, propôs-se um levantamento de dados acerca das especificidades que envolvem a produção, circulação e consumo de rock na cidade.

Logo, a pesquisa valeu-se de uma entrevista semiestruturada, com uma banda escolhida a partir de critérios de duração (tempo de existência da banda) e de atividades desenvolvidas (discos gravados, shows agendados e divulgação de trabalhos musicais e afins nas redes sociais da internet), dividida em três etapas: produção, circulação e consumo.

A banda escolhida para representar as bandas de rock de São Luís, por se incluir nos critérios adotados por este trabalho, foi a Jack Devil. A entrevista, gravada em vídeo, ocorreu no dia 28 de julho de 2013 e ouviu todos os integrantes da banda.

Em relação à banda se considerar parte integrante da diversidade cultural maranhense, Renato Igor, baixista, contextualiza o subgênero *heavy metal* com as algumas especificidades da cultura local para justificar o porquê da banda se considerar parte da cultura maranhense. Para ele:

O *heavy metal* é um estilo urbano e sua existência depende do desenvolvimento econômico e social de algumas cidades. Nós, em dois anos e meio, três anos de banda, já rodamos o Maranhão e a gente percebe o quão dependente o *heavy metal* é do desenvolvimento de algumas cidades [...] Então, sobre a pergunta, nós somos cientes de que vivemos na Atenas brasileira, na Jamaica brasileira, na terra onde a diversidade cultural é visível. No entanto, essa diversidade é uma diversidade do homem simples; na nossa capital, nós observamos que a maior parte das famílias existentes são vindas do interior do Estado, então essa diversidade cultural da cidade é dependente de toda a produção cultural do Maranhão. Nós vemos o bumba meu boi, a lenda da Catirina, da Ana Jansen e tudo isso vêm do grito das senzalas, ainda vem daquela primeira manifestação cultural que houve na ilha de São Luís. Então, nós percebemos o crescimento da cidade e paralelamente o crescimento do *heavy metal*. E o que auxilia nesse crescimento do gênero na cidade é a internet. Eu sempre falo que, toda geração trabalha com as armas que tem. E a arma que nós temos hoje é a internet, porque ela te coloca ao lado do ouvinte da tua música, independente de quantos



quilômetros de distância ele esteja. Isso é muito gratificante pra gente, pois nós vivemos praticamente só do feedback do nosso trabalho: a gente faz uma coisa e o público apoia. Hoje, nós nos sentimos como artistas maranhenses, temos orgulho de fazer parte dessa cidade e, dentro daquilo que nos propomos, nos consideramos um foco de cultura da cidade¹¹ (informação oral).

Esse ponto de vista remete às proposições de Hall (2006) acerca dos deslocamentos das identidades culturais no mundo pós-moderno. A banda se propõe a fazer parte de um movimento da cultura global, que no caso é o rock, contudo, os integrantes são cientes da multiculturalidade que caracteriza a cidade de São Luís e se atentam para os valores culturais da cidade, onde eles acreditam estar inseridos com contribuintes dessa diversidade cultural, apesar de não se apropriar dos aspectos da música e da cultura local.

Em comprovação aos argumentos de Stuart Hall (2006), podemos observar que a identidade cultural da cidade de São Luís está em constante ligação com outras manifestações culturais globais. A medida que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento e da infiltração cultural.

Esse argumento serve para afirmar que em São Luís, o rock se somou à pluralidade cultural da cidade a partir das apropriações e os usos dos seus produtos culturais consumido pelo público local que, ao interagir com as práticas sociais do rock, constituíram-se em um novo agrupamento urbano.

Com relação à disponibilização de músicas para *download* na rede mundial de computadores, a banda acredita que:

As redes sociais vêm sofrendo uma instabilidade agora. Antes o *MySpace* era a principal plataforma para o download de músicas, mas o Facebook, talvez por englobar todas as mídias, se tornou hoje o principal ambiente para o compartilhamento de links para o download dos nossos discos¹² (informação oral).

O uso das redes sociais pela banda Jack Devil, apontam para os benefícios que o ambiente digital traz para bandas de rock. Segundo André, guitarrista e vocalista da banda:

Acho que o Facebook é uma rede social incomum, pois pega o povão, todo mundo interage por lá, alguns acabam olhando a página da banda e baixando

¹¹ Em entrevista concedida ao autor.

¹² Em entrevista concedida ao autor.



pelos *links* disponíveis. Creio que, melhor do que vender o CD, a internet, com o *download*, acaba sendo mais funcional para banda. A gente não ganha muito em dinheiro, mas em compensação o alcance é maior¹³ (informação oral).

Um ponto relevante para este trabalho foi levantado quando foram feitas perguntas sobre como a banda faz para informar sobre a rotina de shows, eventos e para interagir com o público. Em resposta, André Nadler disse que:

A gente trabalha como uma coisa que, desde o começo do rock, já existia que é o “*do it yourself*”, “faça você mesmo”. Nós preferimos acompanhar de perto os trabalhos de divulgação da banda. Hoje o Facebook é uma forma de divulgação viável, mas que a gente tem que tomar cuidado, pois a cada “F5” que damos no nosso computador, milhares de notícias surgem e, em alguns casos, algumas pessoas não conseguem ler todas as informações disponíveis, ou por preguiça ou por não dar conta da quantidade de informações recebidas. Então, nós divulgamos da maneira mais direta possível, não enrolar muito na hora de produzir a informação, porque senão a gente não comunica de forma eficiente as notícias da banda. Logo, nós publicamos informações com o mínimo de caracteres possíveis e com uma linguagem de fácil entendimento¹⁴ (informação oral).

Pode-se dizer que as bandas da cidade de São Luís utilizam a comunicação para dar sentido a uma construção de *cena* que aqui está presente. Implicado pelo fenômeno da globalização, o rock se inseriu na diversidade cultural da cidade se engendrando nos processos de sociabilidade que envolve os agrupamentos ligados à música, nesse caso ligado ao gênero.

Desse modo, segundo Chacon (2012), a identidade dos interlocutores desse processo social tem influência do rock enquanto cultura, pois este possui uma íntima relação com a maneira de ser dos indivíduos, estabelecendo um modo de enxergar as realidades sociais e impondo uma forma de comportamento.

A utilização da comunicação dirigida escrita pode ser percebida a partir dos *folders*, *flyers* e panfletos que a banda produz. Já a comunicação dirigida oral, nesse caso, está relacionada com as abordagens realizadas pela banda junto ao público roqueiro da cidade, promovendo a interação face a face entre banda e audiência na tentativa de construir vínculos interpessoais.

A comunicação dirigida auxiliar está relacionada aos videoclipes e informativos eletrônicos que circulam pelo perfil da banda Jack Devil no Facebook e outras mídias sociais. E por fim, a comunicação aproximativa está relacionada com a disposição da

¹³ Em entrevista concedida ao autor.

¹⁴ Em entrevista concedida ao autor.



banda em participar de festivais, atender o público e conceder entrevistas a veículos de comunicação.

Portanto, os usos da comunicação pelas bandas de rock da cidade tem a função estratégica de dar visibilidade às propostas musicais, bem como a articular um construção de cena para o gênero num local onde a diversidade cultural é predominante, mas que, por algumas tensões que envolvem aspectos regionais e características globais, o rock ainda se encontra tímido, porém atuante, de forma a influenciar o público local a construir suas identidades a partir de sua cultura.

Considerações Finais

No que se propôs este trabalho, verificou-se a emergência do gênero musical rock como uma prática social que contribui para a noção de multiculturalidade que define a cidade de São Luís. O rock enquanto movimento social alcançou o nível de cultura global, cuja sua disseminação se deu através da valorização mercadológica do segmento juvenil do início da década de 1950. Tal fator contribuiu para a apropriação de músicas e objetos simbólicos por um público cada vez mais disperso geograficamente.

Assim, o rock surgiu como opção a ser seguida por uma parcela significativa de indivíduos da cidade de São Luís, como forma de “fugir” dos padrões artísticos e comportamentais da cultura dominante da cidade que, por condições históricas e sociais, tem, por exemplo, o *reggae* como um estilo definidor de sua cultura e identidade musical.

Essa forma de pensar em como o rock é visto no contexto social local permitiu abordá-lo à luz dos Estudos Culturais, sempre buscando caracterizá-lo como um movimento subcultural que atua de forma a “resistir” às condições histórico-sociais compreendidas como uma cultura predominante.

No entanto, o próprio processo de mudança denominado de globalização – citado ao longo deste trabalho – pressupôs o deslocamento das noções de espaço nacional e de cultura local. Logo, grupos de indivíduos da cidade de São Luís se formaram a partir da apropriação cultural do rock, produzindo sentidos às suas vidas cotidianas e demonstrando que o seu posicionamento no contexto local reflete uma identidade construída a partir dos efeitos produzidos pela música.



No que diz respeito à Comunicação, esse trabalho se propôs a demonstrar que, no contexto local, existe uma articulação de cena que busca legitimar a sociabilidade das práticas musicais. Logo, objetivou-se aqui apontar a contribuição da comunicação dirigida tanto para uma visibilidade artística das bandas locais como para uma legitimação da *cena* do rock em São Luís.

Por considerar as Relações Públicas o subcampo da comunicação que trata com propriedade da comunicação dirigida, procurou-se identificar, à luz das noções sobre a comunicação voltada para públicos específicos, como a banda Jack Devil se apropria desse tipo de comunicação para interagir com o cenário do rock local e ganhar visibilidade artística.

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CHACON, Paulo. **O que é Rock?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.
- FRIEDLANDER, Paul. **Rock and roll: uma história social**. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JACQUES, Tatyana de Alencar. **Comunidade Rock e bandas independentes de Florianópolis: uma etnografia sobre a socialidade e concepções musicais**. Florianópolis, 2007. Tese (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Federal de Santa Catarina, 2007.
- JANOTTI, Jeder. Por uma análise midiática da música popular massiva. Uma proposição metodológica para a compreensão do entorno comunicacional, das condições de produção e reconhecimento dos gêneros musicais. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós- Graduação em Comunicação**. Bahia, agosto de 2006.
- KUNSCH, Margarida Maria Krohling. **Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada**. São Paulo: Summus, 2003.
- LUCENA, Luiz Carlos. **Rock, Sonho & Revolução: A música contando a história dos anos 60**. São Paulo, 2001. Disponível em: < <http://pt.scribd.com/doc/7199548/Luiz-Carlos-Lucena-ROCK-SONHO-E-REVOLUCAO-a-Musica-Contando-a-Historia-Dos-Anos-60> >. Acessado em 12 de nov. de 2012.



PEDRO, Antônio. **História da civilização ocidental:** geral e Brasil. São Paulo: FTD, 1997.

PEREIRA, Sônia. **Estudos culturais de música popular – uma breve genealogia.** Faculdade de Ciências Humanas – Universidade Católica Portuguesa. Disponível em: http://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/10343/1/10B-Pereira_Ensaio.pdf Acesso em 05 de maio de 2013.

SÁ, Simone. *Will Straw: cenas musicais, sensibilidades, afetos e a cidade.* In: JANOTTI, Jeder; GOMES, Itania Maria Mota. **Comunicação e estudos culturais.** Salvador: EDUFBA, 2011.